

UM MANIFESTO PACIFISTA: "HECATOMBE"

Elaine Oliveira

Século XX: duas grandes guerras mundiais, bombas em Hiroxima e Nagasaki, guerra do Vietnã e inúmeros conflitos internacionais. Saldo: menos de uma década, em um século, a paz reinou.

É refletindo sobre este mundo carente de paz e abundante em guerras que Carlos d'Alge, em forma de poesia, denuncia a autodestruição à qual a humanidade está destinada, caso permaneça inerte e apática diante da atual situação. HECA-TOMBE é um manifesto pacifista, uma alerta àqueles que há algum tempo atrás esqueceram de cantar o Amor, ao Amor:

"Os homens-detonadores
continuarão,
ante a loucura final
quem os pode deter?"

O poema, em uma visão global, é uma alegoria crescente, como podemos constatar nos seguintes versos:

"O homem sorriu
amargamente
(...)
(ninguém sabia se era manhã ou noite).
(...)
O resto é lágrima
sofrimento
derrota
desespero.
(...)"

Homens-máquinas
de binóculos
e fardas coloridas
marcham.
(...)
Não eram homens
apenas ponteiros
relógios
detonadores
contadores Geiger
(...)
Os homens-relógios
continuavam a marchar.
Em vez de olhos
ponteiros,
em lugar de coração,
detonadores.
(...)
Os homens-detonadores
continuarão,
ante a loucura final
quem os pode deter?"

Analisando cada um destes versos temos: "O homem correu amargamente" ao presenciar um cenário que não mais lhe trazia nenhum prazer, quando apontava uma nuvem de fumo. O viver com o conflito, com as guerras o tornam desencantado, e conseqüentemente, a sua vida se faz amarga. Sorrir é uma propriedade de quem está feliz; enquanto que, "sorrir amargamente", é justamente a ausência desta felicidade.

Em seguida, a segunda fase do processo de fragmentação do HOMEM (personagem): a perda de identidade, "(ninguém sabia se era dia ou noite)". A vida padronizada, com os mesmos gosto e costumes, com um único estilo de vida, as guerras e os homens já não se distinguem mais uns dos outros, como também a vida ao seu redor, a própria natureza perde sua beleza com a "atmosfera carregada de ódio", tanto a noite como o dia refletem a mesma obscuridade e fragmentação de identidade.

Perdida a identidade, o Homem torna-se partícula minúscula: é resto — "o resto é lágrima/sofrimento/derrota/desespero." É a lágrima derramada com amargura, de um homem

que não sabe mais sorrir; é sofrimento ao aspirar um ar contaminado de intrigas; é derrota presenciar a transformação do rio em pó e a água fugir para o abismo do infinito; é, enfim, o desespero "ante a loucura final".

Instaurada a loucura, somente loucuras podem-se esperar. E o Homem passa para o outro lado da moeda. A Vida é morte, e a Morte é vida. Sem o encanto da Vida, pouco a pouco as coisas inanimadas vão adquirindo o lugar de destaque, antes ocupado pelo Homem. Decretado o rompimento dos ares pelo imenso cogumelo, os Homens tornam-se "homens-máquinas" e "marcham" porque sem sentimentos, emoções e inteligência, pois obedecem a uma nova hierarquia de valores. E sobre este novo estado de alma, o poeta utiliza-se do adjetivo "coloridas" para expressar o vazio e ausência da vida que deveria possuir o Homem; são as coisas inanimadas que possuem este colorido, este semblante de felicidade, de saúde, de paz, de algria: "fardas coloridas".

À medida que a máquina adquire maior potência diante de seu (ex) dominador, este diminui e a autodestruição se faz presente. Esta mesma idéia, Carlos d'Alge expressa-a em *MANIFESTO*: "... (se quisesse) /Senhor da Vida"; Aquele homem-máquina torna-se... "Servo da máquina, escravo da morte." Tal como este, os "homens-relógios continuavam a marchar" em uma constante atitude de obediência à máquina, a nova "senhora da vida": "Quem faz a guerra, não serve à Vida, serve à Morte."

A inversão de papéis e de valores torna-se clara, e neste "dia apocalíptico", "Não eram homens/apenas ponteiros/relógios/detonadores/contadores Geiger." A sorte será lançada, e à Terra não mais caberá a missão de gerar a vida, mas a morte. Seu grito de parto, por este novo ente que está prestes a nascer, a faz gemer convulsamente. O acasalamento ilícito entre a Vida e a Morte gera "o cogumelo... carreando a morte/... destruindo milhares de óvulos/nos ventres das mulheres." É um parto indesejado, mas que a "violência clamou aos céus." É o "Travo/cravo no traço/no abraço/ no plexo/no sexo", que o poeta sente em *TRAVO CRAVO*.

A metamorfose, a mutação e a transmutação está realizada: "Em vez de olhos/ponteiros,/em lugar de coração,/detonadores." Os homens desta geração presenciarão aquele dia catastrófico, e então "o sangue se confundirá/com a lágrima/", e estará decretada a morte da Vida sobre a terra: "A semente da vida/se extinguirá,". Aquele sorriso amargo

expresso pelo homem estaria já presenciando esta realidade, uma vez que "O resto é lágrima/sofrimento/derrota/desespero."

O poema traz consigo características fortes de um Homem que vive em uma sociedade em decadência, fragmentado e esmagado pelo mundo da tecnologia (máquina, relógio, detonadores, contadores, beijo de urânio), como também pela potência que a máquina exerce no mundo (Homem) moderno. O amor é substituído pelo ódio, a paz pela guerra, a construção pela destruição, o Homem pela máquina, o "coração" por "detonadores".

Escolhido o tema, o poeta enriquece o texto com metáforas que dizem respeito aos quatro elementos essenciais da vida: "atmosfera carregada de ódio" (o Ar), "a ilha foi lançada aos céus" (a Terra), "e foi beijar o sol/ (um beijo carregado de ódio)" (o Fogo), "água que desaparece" (a Água).

Sensível não apenas à "hecatombe" humana, o autor refere-se à "hecatombe" ecológica da fauna e da flora: "o rio transformado em pó/água que desaparece no abismo/em fuga para o infinito."; "um cogumelo imenso/rompeu os ares/ e foi beijar o sol."; "emudeceu a floresta/nenhum corvo agitou a negra asa"; "a terra gemeu/convulsamente/"; "os homens não perceberão/o pássaro na árvore/o trigo no campo."

Em suma, HECATOMBE é uma rica página pacifista introduzida em nossa literatura. Portadora de uma mensagem aberta a todos aqueles que se preocupam com o destino da humanidade, a poesia de Carlos d'Alge nos envolve por sua concisão, emoção e sentimento como descreve os fatos. Contudo, deixa o Homem livre para escolher o seu próprio futuro: uma sociedade sadia por onde o amor corra em suas veias, a natureza cante a harmonia e os homens sorriam alegremente. Por outro lado, a possibilidade de vivermos em um verdadeiro caos, onde a saudação entre os seres são manifestações nucleares e o universo ressentido a semente da vida a se extinguir. O poema conclui com uma interrogação: "quem os pode deter?", Eu?, você?, João?, Maria?, o Brasil?, a China? o Japão?, a URSS?, os USA?... É um convite e uma opção de vida: Amor/Ódio, Vida/Morte! Quem se habilita?